

O condoreirismo sertanejo

O presidente José Sarney admitiu publicamente que muitas das informações que recebera sobre a situação da economia brasileira eram erradas, fornecidas não sabe por quem. O fato é grave, mas no conjunto de absurdos que vêm caracterizando a Novíssima República nos últimos meses, pode ser absorvido, graças à imensidão do País: afinal, se Deus continuar nos brindando com suas infinitas paciência e misericórdia, em março de 1989 teremos outro presidente. O que o País não pode absorver, pois envolve outras nações, é o mesmo tipo de atitude ser transplantada para o cenário internacional. Não só o Brasil não pode fazer de conta que coisas do tipo não existem, como tem de esperar que os parceiros internacionais releve o condoreirismo dos discursos do chefe de Estado brasileiro, que voa tão alto que às vezes parece estar desligado da realidade.

Ao deixar Montevideu rumo à Colômbia, o sr. José Sarney afirmou que sonhavam todos quantos pretendiam integrar o Brasil no mundo dos "ricos", aduzindo que a real vocação do Brasil era a América Latina, *ipso facto* excluída do mundo industrializado e condenada a conviver com os que não conseguem atingir aquele estágio de desenvolvimento que Rostow chamou de *take-off*. Em Bogotá, falando ao presidente Virgílio Barco, o sr. José Sarney volta ao tema geral que o preocupa, e acrescenta um ponto ao seu conto: "...estou convencido de que não devemos esperar venha de fora a ajuda salvadora. Precisamos lutar com nossas próprias forças". É a declaração da preferência por isolar-se do mundo industrializado, pelo fechamento das fronteiras e tudo o que de mau essa postura traz consigo. O presidente da Colômbia até poderia concordar com tal maneira de ver o mundo, se linhas atrás o chefe de Estado do Brasil não tivesse protestado contra as discriminações de que são vítimas os países em desenvolvimento, sacrificados pela insensibilidade e indiferença das nações industrializadas e por seu protecionismo cego.

O presidente Sarney deveria atentar para o fato de que aqueles que estão convencidos de que não devem esperar "ajuda de fora" não podem reclamá-la. Afinal, um mínimo de coerência é sempre necessário quando se

deseja fazer afirmações que se pretendem marcos de uma política externa. O reclamo de coerência, no entanto, é de somenos diante da postura que a pregação do isolamento traz implícita.

Afirmar, no último quartel do século XX, depois dos resultados da experiência de fechamento das fronteiras na URSS e da "revolução cultural" chinesa, que um continente como a América Latina deve contar apenas com seus recursos, é desejar transformar esta imensa e sempre promissora região em um vasto Gulag. O presidente Sarney tem a obrigação de conhecer os fatos gerais ocorridos depois de 1950; deve saber de ciência própria que as gerações de estadistas soviéticos e chineses (de sua idade, aproximadamente) que empalmaram agora o poder desejam romper o isolamento para, na cooperação econômica, realizar o progresso de seus povos. Se por motivos ideológicos s. exa. não gostar de refletir sobre as ações dos comunistas russos e chineses, mire-se no exemplo da Espanha governada por um socialista, ou de Portugal, presidido igualmente por um social-democrata. E se a companhia européia também não lhe for agradável, veja o que está ocorrendo no sudeste da Ásia. Todos, sem exceção, desejam integrar-se, pois é pela integração econômica que se alcança o progresso material, a um tempo consequência e causa do desenvolvimento intelectual e moral dos povos. O isolamento, a afirmação reiterada de que só por nosso esforço poderemos vencer o subdesenvolvimento, espelha uma visão acanhada do mundo, mais do que acanhada, provinciana. Parece-nos que não é tendo a província como exemplo que se poderá fazer da América Latina a *patria grande* que estava no sonho de Bolívar; o condoreirismo provinciano produzirá, isto sim, a *patria chica* dos que sempre impediram sua integração.

Se criticamos a política externa do presidente não é pelo fato de pregar a cooperação e o diálogo no continente. Pelo contrário; reconhecendo, embora, as diferenças de formação histórica que existem entre o Brasil e os povos de origem hispânica, entendemos perfeitamente — e até incentivamos — esforços para fazer do hemisfério uma grande e única zona econômica. O que condenamos no isolacio-

nismo do sr. José Sarney é o ressentimento que brota das análises que faz da conjuntura, as quais ressumam incompreensão absoluta dos problemas gerais da economia mundial, e deixam transparecer claramente o amargor por não ver seu governo reconhecido como aquele que trouxe, com o discurso proferido na ONU num certo dia, a solução para a crise econômica mundial.

O presidente da República parece não se haver dado conta de que não se pode fazer demagogia nas relações internacionais. Não se pode, de público, proclamar a necessidade de trilharmos sozinhos nossos caminhos de suposta grandeza, tendo antes protestado contra aquilo que chama de discriminação. Não se pode, igualmente, querer que os industrializados tratem o Brasil exatamente da maneira que o presidente deseja (fornecendo capitais, abrindo alfândegas e recebendo se não insultos, ao menos o sinal evidente do desprezo), e fazer uma política interna que não favorece a plena cooperação internacional. Se não se deve aplicar à política interna o realismo político de alguns políticos do Centrão, é no intercâmbio entre Estados que mais se faz valer a famosa máxima que tanta celeuma vem causando no Brasil. Ou espera, o presidente Sarney, que hostilizando os Estados Unidos, criando obstáculos ao desenvolvimento industrial apoiado na informática, será possível esperar um tratamento diferenciado de parte dos industrializados?

Na verdade, é esse tipo de condoreirismo sertanejo que força a diplomacia brasileira a não reclamar seu lugar na mesa em que se sentam os sete maiores, sendo o Brasil o oitavo grande. O terceiro mundismo do Planalto e do Palácio dos Arcos, ao invés do recanto seletivo dos grandes, prefere a mesa maior em que se sentam todos os despossuídos, já quase sem futuro, e que gostam de alimentar seu orgulho nacional ou com o terrorismo, ou com a demagogia — que todos sabem muito bem que não leva a parte alguma.

Esse é o destino que o presidente José Sarney vislumbra para o Brasil, não da Brasília sonhada por d. Bosco — como reza a lenda —, mas de seu retiro paradisíaco de Curupu.